

## EDITORIAL

## “Amanhã vai ser outro dia...”

Embora não seja usual para um editorial, vou começar este retomando o anterior (Iluminart, n.17). Na época, escrevi que, apesar dos sistemáticos ataques lançados sobre a educação e a ciência, “sobrevivemos” ao ano de 2019 e finalizei reforçando que somente no coletivo que encontramos força, não apenas para *sobreviver*, mas para *viver* nossa vocação de *ser mais*. Exatamente no mesmo mês da publicação daquela edição, a China reportava os primeiros casos de uma então desconhecida doença respiratória grave que, em poucos meses, se espalharia por todos os continentes, tornando-se uma das maiores pandemias da história. Até o momento, o mundo conta com quase 80 milhões de casos e mais de 1,7 milhão de mortes devido à COVID-19, como ficou conhecida a enfermidade causada pelo vírus SARS-CoV-2.

Sem vacina ou tratamentos farmacológicos eficientes, autoridades públicas do mundo todo foram obrigadas a adotar medidas drásticas para mitigar a transmissão do vírus, tais como fechamento de escolas e comércio, proibição de eventos públicos e distanciamento social. Apesar de inúmeras pesquisas mostrarem a eficácia de tais medidas em salvar vidas, alguns poucos governos teimaram em negar a severidade da pandemia, desestimulando a adoção de regras sanitárias e até promovendo medicamentos placebos e tratamentos miraculosos (desde a controversa cloroquina até beber vodka, injetar desinfetante na veia e tomar banho no esgoto). A respeitada revista *The Lancet*, em um editorial de maio de 2020, destacava o Brasil como um desses párias internacionais no combate à pandemia. Na época, o país contava com ‘apenas’ 105 mil casos e 7 mil mortes, números anões comparados à atual contagem de 7,2 milhões de infectados e 187 mil vidas perdidas, e, no entanto, o editorial já apontava nosso presidente como a maior ameaça à reposta do país no combate à COVID-19.

Por outro lado, um dos efeitos curiosos trazidos pela pandemia foi a aparente correção, mesmo que tímida, na crônica miopia de boa parte da população brasileira, especialmente a fração que o ocupa o topo da nossa acentuada pirâmide social. De fato, a crise, tanto sanitária e social, quanto política e econômica, vivenciada em 2020, escancarou visceralmente a histórica e vergonhosa desigualdade social de nosso país, que muitos, de forma ainda mais obscena, consideravam

‘invisível’. Dentre os inúmeros setores da sociedade impactados pela pandemia, a educação é certamente apontada como um dos que têm sofrido abalos mais severos e cujos prejuízos socioeconômicos serão agudamente sentidos tanto no curto quanto no médio e longo prazo. Dezenas de milhões de crianças e adolescentes foram subitamente privados de frequentar a escola, que para muitos dos quais, representa não só o único espaço no qual podem receber algum grau de educação, mas também ter o mínimo sociabilização e segurança alimentar.

Obrigados a recorrer ao ensino remoto, os estudantes viram professores e colegas transformarem-se num amontoado de *pixels* em telas bidimensionais. Salas de aulas e carteiras passaram a ser, quando muito, a apertada cozinha e a pequena mesa de jantar, em geral disputada no revezamento entre os membros da família. Atividades físicas e sociais tornaram-se apenas lembranças, muito débeis, por sinal, para terem alguma chance de prevalecerem sobre os angustiantes vazios emocional e abdominal. Se, por um lado, alguns argumentam que a crise enalteceu as tecnologias de comunicação e jogou mais lenha nas já efervescentes caldeiras dos defensores da Educação a Distância (EAD), por outro, ficou ainda mais cristalino o quanto o convívio presencial, real e afetivo entre alunos, professores e demais atores da educação em um escola física, concreta e tridimensional é o alicerce mais sólido para a formação integral, humana e cidadã de nossas crianças e adolescentes. O mundo real está nessa escola e não em uma tela de celular ou computador. Em outras palavras, não podemos nos deixar levar a acreditar que o *mapa* é mais real do que o próprio *território*. Nesse sentido, destaco mais uma vez o compromisso dos Institutos Federais que, desde sua criação em 2008, têm se capilarizado por todo o país e promovido uma EDUCAÇÃO de qualidade, pública, gratuita e verdadeiramente emancipadora a milhares de jovens e adultos. Paralelamente, a revista Iluminart tem procurado dar sua contribuição nessa missão, estimulando e divulgando a produção científica e democratizando, desta forma, o acesso ao conhecimento.

A presente edição encerra um ano surpreendentemente mais sombrio que 2019. Desta vez, testemunhamos ameaças não só à educação e à ciência, mas também à saúde pública, à política,

aos direitos humanos e à própria democracia. Procurando lançar um pouco de luz nessa escuridão, convidamos a Profa. Natalina Aparecida Laguna Sicca, docente aposentada da Universidade de São Paulo e atualmente professora do Centro Universitário Moura Lacerda, para nos conceder uma entrevista e compartilhar sua longa experiência na área de educação e ensino. Esperamos que suas preciosas palavras somadas aos nove artigos que seguem fortaleçam nossa

esperança e nossa luta pela construção de uma nação mais justa e humana. Contam que Martin Luther King uma vez disse: “*O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons*”. Pois é coletivamente e em uníssono que devemos nos juntar a Chico Buarque e cantar “*Amanhã vai ser outro dia...*”.

Olavo Henrique Menin  
Editor-Chefe